



OCULTAÇÃO DA MULHER NO CENÁRIO CIENTÍFICO: UMA COMUNICAÇÃO IDEOLÓGICAMENTE MANIPULADA

Yasmin Cavalheiro Camini¹

Pedro Ribas Meotti²

Jessica Prestes Hauenstein³

Gabriel Palmeira Fanfa⁴

Murilo Antonio Scardoeli Miquelucci⁵

Instituição: Centro De Educação Básica Francisco de Assis - EFA

Modalidade: Relato de Pesquisa

Eixo Temático: Trabalho e Educação;

1. INTRODUÇÃO:

A desvalorização das mulheres no ramo científico poucas vezes foi assunto em pauta, porém merece ser discutido; em uma análise pontual discutimos o que fez com que ao longo da história as mulheres fossem desvalorizadas no ramo científico, em como a ocultação de figuras femininas de importância na ciência, a omissão de seus nomes em diversas áreas científicas e o descaso da mídia para com as mesmas e suas trajetórias até poderem ingressar em escolas e universidades dificultadas. Além de uma comparação, mostrando que elas nunca estiveram atrás, mas sempre foram tratadas com inferioridade. Trazendo em pauta um assunto que nunca deveria ser esquecido, nesse trabalho buscamos levar à tona nomes de mulheres que fizeram história e são esquecidas, com o objetivo de informar, valorizar e inspirar mulheres e meninas a lutar pelos seus direitos, e lembrar de quem fez diferença para termos o mundo que temos hoje.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

Com iniciativa da escola, no projeto Jornada de Pesquisa 2024, escolhemos o tema principal como “comunicação” seus pontos negativos e positivos, após, iniciamos diálogos e pesquisas para escolher nosso ponto específico de aprofundamento, então, usamos das redes sociais, sites de pesquisa, conversas com professores e pesquisas na biblioteca da EFA, tivemos tempo em aula para pesquisas e debates com o grupo, revisamos o projeto final com os professores e mostramos para a banca de jurados em uma manhã, recebemos sugestões, críticas e elogios e tentamos realocar o que foi sugerido pelos jurados, até chegarmos ao resultado final, que posteriormente apresentamos para os pais em uma noite

¹ Estudante do Ensino Médio, yasmin.camini@sou.unijui.edu.br

² Estudante do Ensino Médio, pedro.meotti@sou.unijui.edu.br

³ Estudante do Ensino Médio, jessica.hauenstein@sou.unijui.edu.br

⁴ Estudante do Ensino Médio, gabriel.palmeira@sou.unijui.edu.br

⁵ Professor de Biologia do Ensino Médio, murilo.miquelucci@unijui.edu.br



de apresentação na escola, e enfim chegamos ao resultado que, com muito prazer apresentamos no MoEduCiTec.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1. Inferioridade imposta: A desigualdade de gênero tem raízes complexas e profundas na história, influenciadas por fatores culturais, sociais, religiosos e econômicos. Desde as primeiras sociedades agrícolas, as mulheres foram frequentemente relegadas a tarefas domésticas, enquanto os homens assumiram papéis de liderança na caça e na guerra. Normas culturais e religiosas, como a transmissão de propriedade através de linhas masculinas e interpretações religiosas que subordinam as mulheres, também contribuíram para essa desigualdade. O patriarcado, que privilegia homens em posições de poder, e a misoginia, que alimenta discriminação e violência contra mulheres, são desafios contínuos na busca por uma sociedade mais equitativa.

3.2. Como foi a jornada para que as mulheres pudessem frequentar escolas e universidades: A história da mulher na ciência sempre teve altos e baixos, principalmente quando se trata de sua busca pela educação. A não muito tempo atrás o feminino era conhecido como “*imbecilitus sexus*” referindo-se a mulher como incapaz de fazer algo além de criar os filhos e cuidar do lar. No decorrer da história as mulheres foram inicialmente excluídas da educação formal. No entanto, ao longo do tempo, movimentos pró direitos das mulheres contribuíram para mudanças significativas. No ocidente, por exemplo, a luta pelo direito à educação para as mulheres ganhou força durante os séculos XIX e XX, com diversas ativistas e defensoras dos direitos das mulheres lutando por um acesso igualitário.

Não se tem registro da primeira mulher a poder frequentar a escola, mas deduz-se que a mesma seja branca e de classe alta, afinal o egresso da mulher negra a escolaridade aconteceu anos após. Já as universidades, por muitos anos foram reservadas exclusivamente para homens brancos, e após homens negros, com a crença de que as mulheres não necessitavam saber além do básico, afinal pensava-se que as mesmas precisavam dominar apenas os cuidados domésticos. No entanto, movimentos de igualdade de gênero, como o feminismo, começaram a pressionar novamente por mudanças. E então, após anos de luta, presenciamos a primeira mulher a entrar em uma universidade, Elena Cornaro Piscopia, uma italiana nascida em 1646. Em 1678, ela se tornou a primeira mulher a receber um doutorado em Filosofia pela Universidade de Pádua, na Itália.

Ainda assim, em algumas regiões do mundo, como no Afeganistão, as mulheres são impossibilitadas de lecionar ou frequentar universidades públicas e privadas, ou então na Arábia Saudita, onde uma mulher só pode frequentar uma universidade caso o seu marido ou tutor legal (homem) permita.

3.3. Antigamente, como as descobertas de mulheres e homens eram noticiadas, em uma comparação: A disparidade de gênero na ciência tem sido uma questão persistente e preocupante. Ao realizar uma análise de uma coleção variada de livros, como Ótica e Relatividade Física Quântica", "Eletricidade e Magnetismo", "Princípios da Física



Mecânica", "Fundamentos da Física Óptica e Física Moderna", "Física para Universitários - Mecânica", "Química: Realidade e Contexto", "Physical Chemistry" e "Bioquímica" sobre temas científicos, revelou-se uma preocupante sub-representação de mulheres na criação e nos conteúdos dessas obras. Com um total de 358 homens e apenas 30 mulheres citadas, a diferença é alarmante e indicativa das barreiras que as mulheres enfrentam para serem reconhecidas na ciência. A análise dos livros mencionados destaca a diferença gritante na representatividade de gênero. Os autores e contribuidores creditados desses livros são predominantemente homens, o que reflete uma falta de diversidade na perspectiva científica apresentada. A ausência de nomes femininos também perpetua a ideia errônea de que as mulheres contribuíram menos para os avanços científicos, quando, na realidade, muitas tiveram suas contribuições ignoradas ou subestimadas.

Diversidade de pensamento e experiência podem levar a inovações mais robustas e soluções mais completas para os problemas que enfrentamos. A ciência só tem a ganhar com a inclusão e valorização das mulheres em todas as suas áreas. Portanto, é imperativo que continuemos a destacar e celebrar as contribuições das mulheres na ciência, corrigindo a narrativa histórica e garantindo que futuras gerações de cientistas, independentemente de gênero, recebam o reconhecimento e as oportunidades que merecem. Isso passa por revisitar e reescrever a história da ciência com uma perspectiva mais inclusiva, promovendo a diversidade nas publicações científicas e incentivando a participação equitativa de mulheres e homens em todas as etapas da produção do conhecimento científico.

Ao longo da história, a comunicação sobre descobertas e conquistas de mulheres em comparação com as de homens também foi marcada por uma desigualdade significativa. Essa disparidade é refletida tanto na frequência quanto na ênfase dada às realizações, perpetuando uma visão distorcida e limitada do papel das mulheres na ciência, na cultura e em outras áreas. Descobertas feitas por mulheres foram muitas vezes atribuídas a seus colegas homens ou simplesmente ignoradas, como por exemplo a emissão dos elétrons "Auger" que foi atribuída a Pierre Auger mesmo ele tendo estudado o processo no mínimo dois anos depois de Lise Meitner. A forma como a mídia e a comunicação noticiam as descobertas de mulheres vs descobertas de homens tem um impacto profundo na percepção pública e no empoderamento das futuras gerações. O reconhecimento equitativo e a celebração das conquistas das mulheres não apenas corrigem o registro histórico, mas também inspiram meninas e mulheres a seguir carreiras em campos historicamente dominados por homens. É essencial que a comunicação moderna continue a se esforçar por uma representação justa e inclusiva, garantindo que as descobertas e inovações de todos os gêneros sejam valorizadas e reconhecidas de maneira equitativa. À medida que a sociedade avança, é essencial continuar a promover a visibilidade e o reconhecimento das contribuições das mulheres, corrigindo as injustiças do passado e construindo um futuro mais inclusivo e equitativo.

3.4. Como a mídia divulga mulheres cientistas na atualidade: O campo da divulgação, assim como o da ciência, ainda enfrenta desafios em termos de representatividade. Na atualidade a divulgação, os cursos de especialização, mestrado e os professores



majoritariamente são mulheres. Mesmo assim, a maioria dos textos e livros que lemos e são mostrados em escolas são escritos por homens, e também, a grande maioria das premiações são de homens. Por exemplo, no Prêmio José Reis de divulgação científica, a principal premiação desta área no Brasil, dos 39 premiados apenas 10 são mulheres. Outro exemplo é o prêmio concedido pela UNESCO, o Kalinga, onde dos 16 ganhadores nos últimos 20 anos, apenas 3 são mulheres. Além da baixa representação no jornalismo científico e nas premiações, mulheres também são minorias em fontes entrevistadas para conteúdos de divulgação. Como forma de mudar esse quadro, um grupo de pesquisadoras lançou a iniciativa “Requisite uma cientista”. O projeto funciona como um recurso para que jornalistas, educadores e qualquer pessoa que precise de um especialista de ciência encontrem facilmente mulheres dispostas a participar de reportagens, conferências e outros eventos midiáticos. No Brasil já são 208 pesquisadoras cadastradas.

4. CONCLUSÃO

A disparidade de gênero na ciência e na divulgação científica continua sendo um desafio crítico. É essencial reconhecer e corrigir essas injustiças históricas, promovendo uma narrativa mais inclusiva e valorizando as contribuições das mulheres. Iniciativas como "Requisite uma cientista" e a conscientização sobre premiações desigualmente distribuídas são passos importantes para garantir a igualdade de oportunidades e reconhecimento no campo científico. Avançar em direção a uma sociedade verdadeiramente equitativa requer não apenas políticas e práticas inclusivas, mas também uma revisão crítica das estruturas que perpetuam a desigualdade. Celebrar as conquistas das mulheres na ciência não é apenas uma questão de justiça, mas também um impulso para a inovação e o progresso científico global.

5. REFERÊNCIAS

ADABO, Gabrielle. A divulgação científica feita por mulheres no Brasil. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

CIDADE de Gelo. Direção: Luca Guadagnino. Produção: Luca Guadagnino, Emilie Georges, Gabriele Moratti, Marco Morabito. Roteiro: Luca Guadagnino, David Kajganich, Francesca Manieri. [S. l.]: Netflix, 2022. 1 filme (158 min).

ENOLA Holmes. Direção: Harry Bradbeer. Produção: Mary Parent, Alex Garcia, Ali Mendes, Millie Bobby Brown, Paige Brown. Roteiro: Jack Thorne. [S. l.]: Netflix, 2020. 1 filme (123 min).

HORIZONTES SBC. Margaret Hamilton: a mãe cientista na liderança do Apollo 11. Disponível em: <https://horizontes.sbc.org.br/index.php/2021/05/margaret-hamilton-mae-cientista-na-lideranca-do-apollo-11/>. Acesso em: 10 jun. 2024.



HUTTON, Ronald; LIZARDO, Fernanda. Grimório das Bruxas (Moon Edition). São Paulo: Darkside, 28.04.2021. Acesso em: 05 jun. 2024.

MUNDO EDUCAÇÃO. Marie Curie: a primeira mulher a ganhar um Prêmio Nobel. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/amp/quimica/marie-curie.htm>. Acesso em: 10 jun. 2024

MUSEU CATAVENTO. Lise Meitner: a física que descobriu a fissão nuclear. Disponível em: <https://museucatavento.org.br/mulheres-na-ciencia/lise-meitner/FOLDER.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2024.

MULTIRIO. A história da educação feminina. Disponível em: <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/14812-a-historia-da-educacao-feminina>. Acesso em: 10 jun. 2024.

PENEDO, Paula. Divulgação científica: por que as mulheres têm menos destaque? Revista Pesquisa FAPESP, 2019. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/divulgacao-cientifica-por-que-as-mulheres-tem-menos-destaque/>. Acesso em: 05 jun. 2024.

QUINDIM. Mulheres cientistas: conheça algumas das principais pesquisadoras da história. Disponível em: <https://quindim.com.br/blog/mulheres-cientistas/amp/>. Acesso em: 26 jun. 2024.

SUPER INTERESSANTE. Qual foi a primeira mulher a conseguir um diploma de ensino superior?. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-foi-a-primeira-mulher-a-conseguir-um-diploma-de-ensino-superior/mobile>. Acesso em: 12 jun. 2024.

UNESP. Ingresso de mulheres em universidades brasileiras. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/18047>. Acesso em: 26 jun. 2024.

NUSSENZVEIG, Herch Moysés. Ótica e Relatividade Física Quântica. Local de publicação: Blucher, 1998.

SCHAEFER, Hamilton. Eletricidade e Magnetismo. São Paulo: Ufsc, 1982.

SERWAY, Raymond. JETTER, John. Princípios da Física Mecânica. São Paulo: Cengage, 2004.

HALLIDAY, David. RESNICK, Robert. WALKER, Jearl. Fundamentos da Física Óptica e Física Moderna. São Paulo: Ltc/gen, 2014.

WOLFGANG, Bauer. Física para Universitários Mecânica. São paulo: Bookman, 2012.

LEMBO, Antonio. Química: Realidade e Contexto. São Paulo: Ática, 2001.

CASTELLAN, Gilbert. Physical Chemistry. Local de publicação: Addison-Wesley, 1971.

STRYER, Lubert. Bioquímica. Stanford: Guanabara Koogan, 2008.